

Imprensa caricaturista dos Açores (S. Miguel) nos finais do século XIX

Cristina Moscatel

ana.cm.pereira@uac.pt

Susana Serpa Silva

susana.pf.silva@uac.pt

ANA CRISTINA MOSCATEL PEREIRA (ilha de São Miguel, Açores, 1979), de maio de 2014 à presente data, é Chefe da Divisão de Arquivo na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, colaborando com a Universidade dos Açores na lecionação de unidades curriculares da licenciatura em História. É igualmente Assistente de Investigação do CHAM – Centro de Humanidades, centrando o seu trabalho em torno dos arquivos e seu estudo, bem como da história açoriana e atlântica no século XIX. É licenciada em História (Universidade dos Açores, 2001), Pós-Graduada em Ciências Documentais / Variante Arquivo (Universidade dos Açores, 2003) e Mestre em História Insular e Atlântica: séculos XV a XX (Universidade dos Açores, 2012). Presentemente é doutoranda em História Insular e Atlântica na Universidade dos Açores.

SUSANA SERPA SILVA (Ponta Delgada, ilha de S. Miguel, Açores, 1966). É professora auxiliar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores desde 2007. Doutorada em História Contemporânea, pela mesma Universidade, é investigadora integrada do CHAM - Centro de Humanidades (Universidade NOVA de Lisboa e Universidade dos Açores) e é investigadora colaboradora do LABIMI (Laboratório de Estudos de E/Imigração - UERJ - Rio de Janeiro). Atualmente desempenha as funções de Coordenadora do Departamento de História, Filosofia e Artes, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores, é Diretora do Curso de Doutoramento em História Insular e Atlântica (Séculos XV - XX) e do Doutoramento em Ilhas Atlânticas: História, Património e Quadro Jurídico-Institucional (programa internacional e interuniversitário), na Universidade dos Açores.

Resumen

Entre 1882 e 1892, publicaram-se nos Açores (em especial na ilha de S. Miguel), alguns jornais caricaturistas, como *O Binóculo* (1882/1884), *Pist!* (1886/1887), *O Berimbau* (1891) e *Zé Brás* (1891/1892), ainda que todos eles não tenham alcançado grande longevidade. Não obstante, a sua circulação, semanal ou quinzenal, testemunha o olhar e a análise irónica e humorista de algum jornalismo de fim de século, relativamente a assuntos multifacetados que abrangiam as questões políticas ou a vida social, económica e cultural. Por outro lado, representam ainda o espírito crítico sustentado, abundantemente, na criatividade e no domínio do desenho, que assume contornos cívicos e pedagógicos, tornando-se numa arma poderosa. Em suma, trata-se de um fenómeno de irreverência jornalística, que estará na origem do atual *cartoon* e que importa analisar, quer a nível formal, como de conteúdo, dentro de um quadro temporal conturbado da História de Portugal e, por consequência, dos Açores.

Palabras clave

Imprensa, caricatura, desenho, Açores, finais do século XIX.

Abstract

Several caricature newspapers were published in the Azores (S. Miguel island) between 1882 and 1892, even though some never attained great longevity. The most representative were *O Binóculo* (1882/1884), *Pist!* (1886/1887), *O Berimbau* (1891) and *Zé Brás* (1891/1892). Notwithstanding its irregular circulation, they are still an important testimony of the late nineteenth century satiric local journalism, with its humour and caricature criticizing social, cultural, economic and political reality. But they are also an important evidence of the development of drawing, increasingly transforming itself in a powerful public opinion weapon. Irreverent, critical and pedagogical, caricature disseminated news and reached publics that written text didn't grasp, thus reaching an importance, in the late nineteenth century, that supports this analyse.

Keywords

Press, caricature, drawing, Azores, late nineteenth century.

Imprensa caricaturista dos Açores (S. Miguel) nos finais do século XIX

Cristina Moscatel
Universidade dos Açores

Susana Serpa Silva
Universidade dos Açores

Nota introdutória

Em pleno contexto de lutas liberais portuguesas, nas quais o arquipélago dos Açores foi, directamente, envolvido, desempenhando um relevante papel, a aquisição de uma máquina tipográfica inglesa permitiu o arranque da imprensa nestas ilhas, primeiro com jornais oficiais, depois com periódicos generalistas e noticiosos e, em seguida, com tipologias cada vez mais diversificadas.²²⁹ As cidades de Angra do Heroísmo, na ilha Terceira, de Ponta Delgada em S. Miguel e da Horta, no Faial, foram o palco das mais antigas publicações, de cada uma destas ilhas, respectivamente em 1830,²³⁰ 1835²³¹ e 1857.²³² Depois, também em algumas vilas, foram surgindo alguns jornais e, por fim, só a partir das décadas de 70 e 80, do mesmo século, vieram a surgir publicações periódicas nas ilhas do Pico, de S. Jorge e nas demais, de menor dimensão. A única excepção residiu na ilha do Corvo, a mais pequena do arquipélago, que nunca conheceu qualquer folha ou periódico.

Os cerca de 400 jornais dados ao prelo, nos Açores, entre 1830 e 1899, atestam a vivência de uma cidadania activa e empreendedora, por parte de alguns proprietários locais e também de uma emergente classe média, letrada, associada à pequena propriedade e ao funcionalismo público. Assim, especialmente na segunda metade do século XIX, e mais destacadamente nos anos 80 e 90 da centúria, multiplicaram-se os títulos e as publicações, sobressaindo, com grande diferença, o número de jornais da

²²⁹ Cf. *Arquivo dos Açores*, vol. VIII, Ponta Delgada, Tip. do Arquivo dos Açores, 1886, pp. 485-556.

²³⁰ *A Crónica da Terceira*, 14 de Abril de 1830.

²³¹ *O Açoriano Oriental*, cujo nº 1 data de 18 de Abril de 1835, pela sua regularidade e longevidade, é considerado o primeiro periódico micaelense e é, na actualidade, o mais antigo jornal português em publicação. No entanto, não podemos deixar de mencionar que, em 1832, tendo a expedição liberal transportado para a ilha de S. Miguel a máquina tipográfica, nesta foram impressos e publicados os nºs. 39, 40 e 41 de *A Crónica, Semanário dos Açores*. Esta mesma publicação terminou em Junho desse ano com a partida do Exército Libertador. Cf. *Arquivo dos Açores*, vol. VIII, Ponta Delgada, Tip. do Arquivo dos Açores, 1886, p. 490.

²³² *O Incentivo*, 10 de Janeiro de 1857.

ilha de S. Miguel, por ser a de maior dimensão, população e riqueza e atendendo à força e influência das elites locais e das subsequentes correntes de opinião.²³³

A luta político-partidária e o imperativo da circulação de notícias terão sido um dos grandes motores do surgimento dos jornais açorianos. Porém, a denúncia das dificuldades que as ilhas enfrentavam e, por consequência, a intransigente defesa dos interesses locais e regionais, foram as razões prioritárias do crescimento e da afirmação da imprensa, não obstante, alguns periódicos terem tido uma duração muito efémera. Os jornais açorianos, de oitocentos, pugnavam pelas soluções dos problemas conjunturais ou estruturais que assolavam as ilhas e a sua população, clamavam contra o abandono e os esquecimentos da mãe-pátria — por outras palavras, dos governos do regime — e ainda apresentavam propostas atinentes ao desenvolvimento insular. Não obstante, a diversidade de tipologias foi também marcante, pois além da imprensa noticiosa, generalista ou partidária, podemos encontrar jornais publicitários, culturais, religiosos, judiciais, agrícolas e humorísticos. Entre estes, destacamos os caricaturistas.

Sendo certo que, em Portugal, o espírito crítico e humorístico remonta à palavra escrita e à dramaturgia do período medieval, de que são exemplo as cantigas de escárnio e maldizer, em que se destacou Gil Vicente, contudo, a imagem satírica e caricatural só circulou, por via da imprensa, a partir do século XVIII, usando como suporte folhetos de cordel, papéis avulsos ou pasquins. Todavia, é em pleno século XIX, no contexto das lutas liberais, com o incremento dos jornais e a grande instabilidade política e económica que se fez sentir, que surgem os periódicos satíricos e caricaturistas. As primeiras imagens, que remontam à década de 30, eram grosseiras e rudimentares, circulando em folhas soltas e independentes do próprio jornal. Apenas em 1847, com o *Suplemento Burlesco* do jornal *O Patriota*, se consolidou a imprensa caricaturista em Portugal, com as ilustrações impressas no próprio periódico,²³⁴ configurando um fenómeno jornalístico que, mais tarde, viria a estender-se às ilhas.

Com a facilidade de propagação da imagem, a caricatura e o desenho humorístico surgiam como uma arma poderosa e perigosa.²³⁵ Inicialmente, os autores refugiavam-se no anonimato, à conta da agressividade gráfica e textual que marcaria as primeiras formas de caricatura, mas, gradualmente, começaram a dar-se a conhecer, não só pela postura mais contida, mas também pela maior qualidade da crítica e do desenho, numa relação de inteligência que caracteriza o humor gráfico. No continente português, destacaram-se vários caricaturistas, como António Augusto Nogueira da Silva²³⁶ (1830-1868), Manuel de Macedo (1839-1915) ou Manuel Maria Bordalo Pinheiro (1815-

²³³ Cf. Carlos Cordeiro e Susana Serpa Silva, «Introdução», in Carlos Cordeiro e Susana Serpa Silva, coord., *A História da Imprensa e a Imprensa na História: o contributo dos Açores*, Ponta Delgada, CEGF/CEIS20, 2009, pp. 14-15.

²³⁴ Ana Filipa Pereira Miguel Olímpio, *Uma Caricatura de Pais*, Lisboa, Universidade de Lisboa/Faculdade de Belas Artes, 2013, Dissertação de Mestrado, p. 5. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt>.

²³⁵ *Idem*, p. 3.

²³⁶ «Nogueira da Silva, nos anos 50, escapou aos temas políticos, dedicando-se mais à caricatura de costumes, na imitação de Grandville e foi seguido, pelos anos 70, por Manuel de Macedo, a quem Ramalho elogiou o teor crítico realista e social da obra». José-Augusto França, *Raphael Bordalo Pinheiro. Caricaturista político*. Lisboa, Terra Livre, 1976, p. 12.

1880), entre 1851-1870,²³⁷ e Sebastião Sousa Sanhudo (1851-1901)²³⁸ e Rafael Maria Bordalo Pinheiro (1846-1905),²³⁹ a partir de 1870. Todos alterariam profundamente e eternamente o panorama nacional da imprensa em Portugal, associando-lhe a caricatura como parte integrante e definidora. Seria a partir de meados do século XIX que acalmaria uma certa «agressividade gráfica», característica dos períodos anteriores. Tipificou-se a crítica (criação de «tipos») e evitou-se a personificação grosseira, desenvolvendo-se o desenho, pela crucial associação entre melhores humoristas e melhores desenhadores. Em S. Miguel, nos Açores, não podemos deixar de salientar, já para a década de 80, o caso dos irmãos Cabral: João e Augusto.

O humor gráfico foi e é, ainda, uma excelente ferramenta de comunicação e de crítica social e política e como reflexo de uma época representa uma importante e particular fonte historiográfica. No século XIX, em Portugal e nos Açores, não faltaram motivos e assuntos, sobretudo em períodos mais atribulados, para alimentar uma imprensa caricaturista que muito beneficiou também do talento de artistas e gravadores, dos avanços das técnicas da litografia e xilografia e das influências oriundas de França, pois neste país a caricatura conheceu um grande incremento.²⁴⁰ De um modo geral, a centúria oitocentista foi marcada pela industrialização da imagem, o que motivou «o crescimento da produção da literatura ilustrada, dos livros de bolso, então uma novidade, dos romances de folhetim, mas também das gravuras avulsas, dos anúncios e cartazes, que conferiram outro estatuto à comunicação visual e à publicidade»,²⁴¹ cada vez mais presentes na vida quotidiana das cidades. A imagem ocupa o lugar de forma de comunicação ideal no seio de uma população, na sua maioria,

²³⁷ «Tiveram também a capacidade de desenvolver uma nova perspectiva do humor, utilizando uma crítica de uma forma mais inteligente e elaborando uma nova competência técnica das artes do desenho e impressão. Deste modo, reformularam o pensamento da crítica gráfica humorística em Portugal e conseguiram estimular e impulsionar a gravura de um modo estético e técnico». Ana Filipa Pereira Miguel Olímpio, ob. cit..., p. 8.

²³⁸ «Raphael será um caricaturista de políticos, Sanhudo de políticas; Raphael de personalidades, Sanhudo da sociedade». Osvaldo Macedo de Sousa, *História da Arte da Caricatura de Imprensa em Portugal*, Lisboa, Humorgrafe/S.E.C.S, 2008, p. 202.

²³⁹ «A caricatura com Rafael Bordalo Pinheiro ganhou um novo dinamismo, por este ter optado por substituir o realismo pelo naturalismo estético e por ter inserido a ironia e um humor político na crítica jornalística [...] Mentor de uma nova linguagem satírica como conceito e criador de um estilo ilustre de notável importância, Rafael Bordalo Pinheiro apresentou no início da sua carreira um desenho naturalista, para mais tarde exibir uma abundância de traço de pormenor exagerado». Ana Filipa Pereira Miguel Olímpio, ob. cit..., pp. 15, 19.

²⁴⁰ Cf. Rosângela de Jesus Silva, «Caricatura e Imprensa Ilustrada: registros em imagens», in *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, S. Paulo, Julho de 2011, p. 1. Disponível em: www.snh2011.anpuh.org.

²⁴¹ Renan Rivaben Pereira, «Entre tipografias, impressos e caricaturas: imprensa ilustrada na Monarquia de D. Pedro II», in *Faces da História*, Assis - São Paulo, vol. 1, n° 1, Jan.-Jun. 2014, p. 25 (disponível em: <http://www.google.com>). Em França, a imprensa tornou-se num elemento decisivo nas lutas entre liberais e ultras, aparecendo vários jornais populares e anedóticos que se tornaram portentosas armas políticas. Em 1830, em plena Monarquia de Julho, Charles Philippon, artista de iconografia satírica, fundou *La Caricature*, folha que tinha como principal alvo, o Rei e que, por isso mesmo, lhe valeu perseguições e prisão. Não obstante, em 1832, *La Caricature* transformou-se em jornal, intitulado *La Charivari*, cuja direcção ficou a cargo de um dos mais destacados colaboradores: Honoré Daumier. Cf. Maria Antónia Paz Rebollo, «O Jornalismo em França», in Alejandro Pizarroso Quintero, coord., *História da Imprensa*, Lisboa, Planeta Editora, 1996, pp. 174-175.

iletrada e o ofício de ilustrador, gradualmente especializado e reconhecido, passou a ocupar um lugar de relevo nas oficinas tipográficas, onde, além do já referido, se imprimiam também revistas e jornais, igualmente enriquecidos pela proliferação de imagens, cujos propósitos humorísticos se foram tornando uma componente relevante.²⁴²

O papel da imprensa caricaturista micaelense e dos seus responsáveis

Entre 1882 e 1892, publicaram-se, em Ponta Delgada, na ilha de S. Miguel, os seguintes periódicos caricaturistas: *O Binóculo* (1882-84), *O Pist!* (1886-87), *O Berimbau* (1891) e o *Zé Brás* (1891).²⁴³ Os títulos, por si só, deixam transparecer o carácter jocoso e humorístico destes jornais que, a par de outros periódicos satíricos locais, apresentavam, como característica diferenciadora, um conjunto de ilustrações de cariz anedótico e caricatural. Por vezes, as caricaturas, em jeito de retrato, ocupavam uma página inteira; outras eram representadas em formato de tiras, anunciando a banda desenhada. Os editores e redactores mostravam-se atentos à actualidade política e social, contando com diferentes colaboradores, habituais ou esporádicos, que recorriam a pseudónimos divertidos ou irónicos, ainda que alguns ousassem manter o seu nome próprio.²⁴⁴ Por consequência, e tal como refere José Manuel Tengarrinha — historiador de referência para o estudo da imprensa portuguesa — no seu papel informal de enquadramento, mobilização e expansão da opinião pública, a imprensa do século XIX, neste caso, a caricaturista, gerava a «publicidade crítica» e a «impulsão interventiva»,²⁴⁵ facilitadas pelo impacto da imagem.

Além das ilustrações, quase todas legendadas, a publicação de charadas ou enigmas era também habitual neste tipo de jornais, com recurso, naturalmente à conjugação de croquis e letras.

O Binóculo, da responsabilidade da Litografia Lusitana, sita à Rua de S. Braz, veio a público a 1 de Maio de 1882, com o subtítulo *Quinzenal para Rir, Ilustrado por dois filósofos nas horas vagas*, sendo o seu editor o caricaturista e professor de desenho João Jacinto Cabral (1853-1916), que contou com a colaboração do seu irmão Augusto

²⁴² Idem, pp. 29-30. Veja-se, também, Ângela Cunha da Motta Telles, *Desenhando a Nação: revistas ilustradas do Rio de Janeiro e Buenos Aires nas décadas de 1860-1870*, Brasília, Funag, 2012.

²⁴³ Fora desta abordagem ficaram títulos como *O Óculo* (P. Delgada, 1905), com caricaturas de Augusto Cabral e Guilherme S. Borges, *O Alarme* (P. Delgada, 1907), com caricaturas assinadas por J. Neves, ou a *Revista Michaelense* (P. Delgada, 1918 - 1921), novamente com a colaboração de Augusto Cabral, por saírem fora do âmbito cronológico desta análise. Por outro lado, títulos como o *Diário de Notícias Ilustrado* (P. Delgada, 1880), *A Tela* (P. Delgada, 1894), *O Cosmorama* (P. Delgada, 1865-68), o *Gabinete de Estudos* (Angra do Heroísmo, 1877) ou *O Tipógrafo* (Horta, 1894-97), embora incluam desenho e gravura nas suas páginas, fogem à imprensa satírica e humorística. Por esse motivo, também eles ficaram à margem desta análise.

²⁴⁴ Em *O Binóculo* encontramos, por exemplo: Galo da Serra; Parafuso; Caneta; Pinto Calçudo; Mané Côco; *Campinus Scalabys*; Bebé. No jornal *Pist!* deparamos com pseudónimos como Dr. Gil – Demónio e Um Alfacinha. Colaboradores do *Zé Braz* foram Mefistofles; Compadre Mateus; Júpiter, Alan Kardec, entre outros.

²⁴⁵ José Manuel Tengarrinha, «A História da Imprensa e a Imprensa na História», in Carlos Cordeiro e Susana Serpa Silva, coord., *ob. cit.*, p. 34.

(1856-1924).²⁴⁶ Publicado, portanto, de duas em duas semanas, o jornal assumiu, desde a primeira hora, a missão de «observatório» da actualidade nacional e regional, bem como uma linha editorial de humor, ironia e espírito crítico, pois procurando não ofender pessoa alguma, almejava ser engraçado e, sobretudo, por cair em graça.

«O *Binóculo* fugirá de ofender ainda que seja ao de leve a minima Franja de qualquer pessoa, seja ou não de qualidade. Verdade é que *O Binóculo* embirrará com algumas coisas...(…). *O Binóculo* nada quer com a política. - É muito boa pessoa, canta muito bem e apesar de velha tem uns dentes de que Deus te livre [...] Rir!...Rir é o fim do *Binóculo*. Que satisfação não teremos quando subermos que vós leitoras e leitores [...] riem de boa vontade!...».²⁴⁷



Fig. 1
O Binóculo, n.º 1, 1 de Maio de 1882.

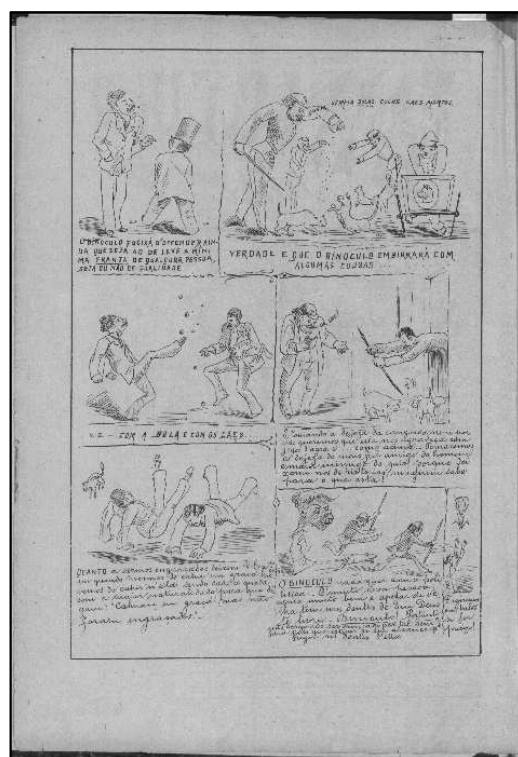


Fig. 2
Os objetivos de *O Binóculo*, n.º 1, 1 de Maio de 1882.

²⁴⁶ Segundo José Andrade, além do irmão Augusto, João Cabral terá também contado com o apoio de outro irmão, de seu nome Jacinto. Cf. José Andrade, *Concelho de Ponta Delgada: 500 Anos de História. Cronologia de Figuras e Factos, 1499-1999*, Ponta Delgada, Câmara Municipal, 2003, p. 271. Porém, a ter auxiliado, Jacinto Inácio Cabral, irmão mais velho de João e Augusto, só o poderia ter feito, na sua grande maioria, à distância pois a 18 de setembro de 1882 partiria para a Bélgica, financiado pelo Conde da Praia e Monforte, para completar os seus estudos de engenharia civil. Cf. *Diário Ilustrado*, Lisboa, n.º 6022, 08 de janeiro de 1890. Aliás, já Manuel Ferreira havia referido que os dois títulos teriam caricaturas dos três irmãos. Cf. Manuel Ferreira, *O caricaturista micaelense Augusto Cabral*, Ponta Delgada, CMPDL, 2002, p. 15.

²⁴⁷ Editorial, n.º 1, de 1882.

Apesar das afirmações do ilustrado editorial e do firme propósito de fugir à política, personalizada como boa pessoa, velha e de bons dentes, dos quais convinha fugir (Fig. 2), em conformidade com Osvaldo Macedo de Sousa, este foi mesmo o primeiro jornal de sátira política das ilhas açorianas, dado ao prelo pelos referidos irmãos Cabral, ambos, segundo o autor, num estilo de croquis infantil, sendo difícil diferenciar os trabalhos de cada um. Não obstante, para o leitor atento, e no caso de *O Binóculo*, deparam-se, amiudadas vezes, as assinaturas das ilustrações, que acabam por ser, assim, identificadas.²⁴⁸

O seu título, inevitavelmente inspirado no homónimo criado, em 1870, por Rafael Bordalo Pinheiro,²⁴⁹ para reportar a atividade teatral nacional, diferia deste, em conteúdo, pela maior abrangência temática: ia para além dos relatos e ilustrações relativas à atividade teatral local e retratou, através do desenho e de texto humorístico e satírico, os Açores, sobretudo São Miguel e Ponta Delgada, de 1882 a 1884.

O aparecimento do jornal é notado pela restante imprensa micalense, atenta às entradas e saídas de cena de uma prolífera produtividade de títulos e projetos editoriais locais. Dois anos antes do seu efetivo aparecimento, enquanto João Cabral trabalhava na montagem da Litografia Lusitana,²⁵⁰ noticiava o jornal *A Persuasão* que aquele pretendia editar um jornal/revista cómica, com caricaturas suas, sublinhando que seria ‘totalmente inofensivo’.²⁵¹ Já em 1882, reportava o jornal *A Ventosa*:

«A sátira nele revela-se por arranhaduras e não por dentadas. São picadas de alfinete, e não de lanceta. Causa um ligeiro prurido e não calafrios. Produz cócegas e não

²⁴⁸ Osvaldo Macedo de Sousa, «História da Caricatura de Imprensa em Portugal» (Parte 26), 27 de Abril de 2008 (disponível em: <http://humorgrafe.blogspot.com>). Osvaldo Macedo de Sousa é o autor de *História da Arte da Caricatura de Imprensa em Portugal*, vol. I, *Na Monarquia, 1847-1910*, Lisboa, Ed. Humorgrafe/SECS, 1999, ao qual se seguiram mais três volumes: *Na República, 1910-1933*; *No Estado Novo, 1933-1974*; *Na Democracia, 1974-2002*.

²⁴⁹ Rafael Bordalo Pinheiro cria *O Binóculo: hebdomadario de caricaturas, espectaculos e litteratura* a 29 de outubro de 1870, no interregno de outro projeto, *A Berlinda*, tendo sido o primeiro semanário de caricaturas consagrado a espetáculo e literatura. Vendia-se nos teatros. No seu estatuto editorial, podemos ler: «O Binoculo fez-se para os typos como a canga para os bois. À vista desarmada, os typos ou não se vêem, ou não se vêem bem, ou não se vê o que eles fazem. *O Binoculo* é imparcial. E é imparcial porque se dirige a todos. E com a mesma força. E com a mesma intenção. É ella vulgarisar, corrigir sem offensa, castigar sem maldade. Vingam enfim as arranhaduras que autores e actores fazem na arte. A quem esgatanha, cortem-se-lhe as unhas, dizia S. Lucas. O binoculo é pois thesoura; mas thesoura d'unhas, que não d'alfayate. E não se confunda a missão do Binoculo com a do crítico. E' outra a sua missão, muita outra a sua indole. Os críticos (nomeadamente os que teem o ferrão comprido), levam bastante vezes couro e cabelo. O Binoculo, quando chegue a atacar o couro, respeitará sempre o cabelo. E a razão é óbvia - no Theatro (e fora d'elle) o cabelo é muitas vezes postiço; se é postiço, pretenceu a um morto; e o Binoculo, primeiro que tudo, respeita os restos mortaes de quem quer que seja. Eis o nosso programa». *O Binóculo*, Lisboa, n.º 1, 29 de outubro de 1870.

²⁵⁰ Tal como Sebastião Sanhudo montou a premiada Litografia Portuguesa, os irmãos Cabral montariam a Litografia Lusitana, que viria a funcionar na Rua de São Brás, n.º 98-100, e a imprimir diversos projetos editoriais.

²⁵¹ *A Persuasão*, 29 de setembro de 1880.

contorções. Desperta o riso, mas não a gargalhada ferina. Zomba, mas não achata, troça mas não apepina, belisca, mas não faz sangue». ²⁵²

Acerca do aparecimento de *O Binóculo*, escreveria Manuel Ferreira, recorrendo, também ele, a um discurso não desprovido de sátira e ironia na sua composição: «O jornal apareceu em 1 de maio de 1882, repleto de caricaturas, e, contra todas as expectativas, o barco aguentou-se pouco mais de dois anos, resistindo a todas as marés e embates. Sabe Deus com que complicações e dificuldades, num meio fechado e pouco tolerante, de espírito tão pesado como a broa e o inhame, obrigando a digestões demoradas e flatulentas, com azia e arrotos vulcânicos, de fazer abalar o sub-solo e os ventres pançudos». ²⁵³

O Binóculo sobreviveu até 1884, publicando-se o último número (82) a 13 de Junho. Todavia, em Janeiro de 1883 passara a publicação semanal, com o novo formato de duas páginas de texto e duas de desenhos. Nos primeiros doze números, este periódico apresentava capas de papel colorido (rosa, verde, azul e amarelo), numerosos anúncios e caricaturas de figuras ou quadros humorísticos, com legendas manuscritas. A partir do número quinze, em diante, denota-se a perda de alguma qualidade do jornal, cujos anúncios diminuem drasticamente, representando, de certo, uma retracção de receitas. Não obstante, a qualidade e a abundância das caricaturas manteve-se, bem como o acutilante sentido crítico e humorístico. De 1883 em diante, os irmãos Cabral terão recebido apoios, o que possibilitou, então, a passagem a semanário.

Algumas das personalidades destacadas pelo jornal foram, por exemplo, outros caricaturistas contemporâneos, como o português Rafael Bordalo Pinheiro ou o francês André Gill. Se estas figuras ocupavam uma página inteira, à maneira de um album fotográfico ou de recordações, as caricaturas humorísticas eram publicadas em bandas ou em quadradinhos. Os principais alvos da crítica dos irmãos Cabral eram as questões políticas, como os pesados e controversos impostos, as medidas dos governos e partidos monárquicos ou, simplesmente, a ausência delas; as questões culturais — comemorações públicas e espectáculos teatrais — e as questões sociais, tais como a emigração, sem esquecer o quotidiano e a moda.

A propósito das comemorações do tricentenário da morte de Camões e do centenário da morte do Marquês de Pombal ²⁵⁴ — figuras ímpar da cultura e da história política portuguesas, evocadas pelas hostes republicanas e laicas — *O Binóculo* não deixou de se associar a estas evocações, demonstrando que, embora produzidos em tempos e momentos diferentes, os legados destas figuras históricas tornaram-se imortais e exemplares para a vida política de oitocentos. Na Fig. 3, pode observar-se a alegoria do velho Portugal, com Camões e Pombal na sua cabeça, bem inculcados nas suas memórias longínquas e presentes. Em especial, o centenário do Marquês, celebrado precisamente em 1882, mereceu grande atenção do periódico, que dedicou várias caricaturas ao responsável pela expulsão dos jesuítas. Aliás, como se pode

²⁵² *A Ventosa*, 13 de maio de 1882.

²⁵³ Manuel Ferreira, ob. cit., p. 18.

²⁵⁴ Veja-se Susana Serpa Silva, *Ponta Delgada. Roteiros Republicanos*, Matosinhos, Quidnovi, 2010, pp. 49-53.

observar em muitas das ilustrações de capa, são claras as simpatias de *O Binóculo* pela causa republicana e anti-clerical. O jornal não só atacava o clero, particularmente a «fradaria», por ser um dos esteios de apoio da Monarquia e, ao mesmo tempo, por tolher as liberdades individuais,²⁵⁵ como vaticinava um futuro triunfo do republicanismo, mostrando-se adepto de uma mudança de regime.



Fig. 3

Figura alegórica do velho Portugal. *O Binóculo*, n.º 2, 8 de Maio de 1882.



Fig. 4

Capa de *O Binóculo*, n.º 34, 19 de Maio de 1883.

Como se pode observar na Fig. 4, o povo — aqui representado pela cabeça do *Zé Povinho*²⁵⁶ — sacrificado por tantos impostos e crises económicas, haveria de se revoltar (por lhe subir a temperatura; o mau génio) e envergar o barrete frígido, símbolo inequívoco da causa e ideologia republicanas. Ora, foi precisamente em 1880 que se fundou, em Ponta Delgada, o Centro Republicano Federal, responsável pela circulação do periódico *A República Federal*, órgão daquele partido.²⁵⁷ O Centro tinha como

²⁵⁵ *O Binóculo*, n.º 23, 22 de Fevereiro de 1883. Na capa, invoca-se a figura heróica de S. Jorge, aqui representada pelo próprio João Cabral (numa auto-caricatura) e que, envergando uma lança, entrega-se à missão de salvar a *liberdade* das garras de dragão, que enverga um hábito monástico, no qual se lê a palavra *fradaria* (frades, em sentido depreciativo).

²⁵⁶ O *Zé Povinho* é uma figura satírica, criada pelo célebre caricaturista Rafael Bordalo Pinheiro, em 1875 e que personifica o homem/povo português. Tornou-se marcante na obra de Bordalo e, pelo seu significado, acabou por ser utilizada por outros ilustradores e caricaturistas nacionais, como os irmãos Cabral. Sobre o *Zé Povinho*, veja-se: João Medina, «O *Zé Povinho*: caricatura do “Homo Lusitanus”» in *Estudos em Homenagem a Jorge Borges de Macedo*. Lisboa: INIC, 1992.

²⁵⁷ Veja-se Susana Serpa Silva, ob. cit., pp. 12-15.

primordial objetivo promover a propaganda republicana, contra qualquer forma de intimidação e neste desiderato terá obtido o apoio dos irmãos Cabral, de *O Binóculo* e, mais tarde, o *Pist!*.

Se a actualidade era marcada pelas questões políticas e culturais, por seu turno a emigração constituía um fenómeno social estrutural e preponderante nas ilhas dos Açores, de onde saíam milhares de indivíduos, em busca de melhores condições de vida. A perda de braços, muitas vezes envolvidos em redes de emigração ilegal, constituíam motivos de preocupação para as autoridades locais, atraindo a atenção da imprensa, — desde a generalista à caricaturista —, que procurava alertar as populações face aos riscos que a emigração podia representar. Em muitos casos, o sonhado enriquecimento não passava de uma miragem e os que partiam clandestinamente sujeitavam-se a terríveis condições de viagem e acabavam por se deparar com uma vida laboral muito próxima da escravatura. Na segunda metade do século XIX, o Brasil, os EUA e o Havai (Ilhas de Sandwich) eram os destinos preferenciais dos emigrantes de S. Miguel e, entre 1880 e 1885, este arquipélago atraíu um fluxo emigratório de mais de 6.000 micalenses. Algumas notícias não eram animadoras e, por isso, com propósitos pedagógicos e dissuasores, também os irmãos Cabral recorreram ao desenho e à ironia para «atacarem» a emigração para o Havai. Satiricamente, *O Binóculo* procurava fazer sentir que o *El Dorado* havaiano podia transformar-se num pesadelo, visível na figura escanzelada do emigrante explorado pelos feitores das plantações de cana de açúcar (Fig. 5).

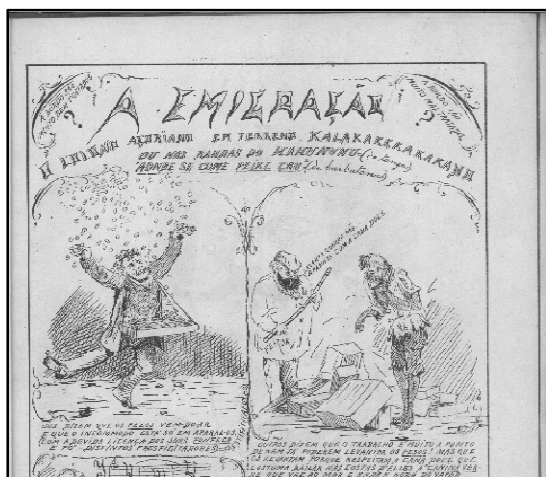


Fig. 5

A propósito da Emigração para o Havai.
O Binóculo, nº 5, 15 de Junho de 1882.



Fig. 6

Os exageros dos chapéus da moda. *O Binóculo*,
nº 19, Janeiro de 1883.

Atento aos costumes e tendências da época, o observatório dos irmãos Cabral não deixou também de ridicularizar os excessos da moda feminina de finais do século XIX, em especial no tocante aos vestidos e chapéus. Este tipo de sátira prosseguiu com o jornal *Pist!*, também ele da responsabilidade de João Cabral.

O fim do projeto, em 1884, deveu-se a ‘azias’ de indivíduos caricaturados e satirizados no jornal. Se, em abril de 1884, aquando do terceiro aniversário do jornal,

noticiava-se que a folha se mantinha «recreando sem ofender» e que os seus redatores, «amestrados pela experiência», continuariam «brincando com o lápis a respeito de todos os assuntos dignos disso, sem descambos para a caricatura picante»;²⁵⁸ se, em abril de 1884, o próprio *Binóculo* constatava que chegara ao final do 2º ano de publicação «sem contar uma só alhada!», prometendo continuar a aparar o lápis;²⁵⁹ o facto é que, devido a questões com Augusto da Silva Moreira,²⁶⁰ professor de inglês, e com o vizinho José Afonso Botelho d'Andrade da Câmara e Castro,²⁶¹ a publicação acabou por terminar abruptamente com o número 82, de 13 de junho de 1884, como já referimos.



Fig. 7

Crítica aos avultados gastos com tecidos devido às pronunciadas anquinhas e aos numerosos folhos dos vestidos de finais de oitocentos. Como refere a legenda: «O croquis acima não representa uma mulher; é um armazém de fazendas (tecidos) ambulante». *Pist!*, n.º 33, 7 de Julho de 1887.

²⁵⁸ *A Persuasão*, 30 de abril de 1884.

²⁵⁹ *O Binóculo*, n.º 77, 27 de abril de 1884.

²⁶⁰ «... não foi o 'interesse' que nos moveu à fundação d'este jornal; [...] até agora não há uma linha, um desenho, nas columnas do «Binóculo» que tractem da vida privada de qualquer; [...] nunca nos occupámos e certos e determinados assumptos, com o fim d'apanharmos 'qualquer porção de bago' à pessoa a quem por ventura fossemos ferir; [...] jamais tivemos editor para nos servir de 'testa de ferro'. Dito isto resta-nos ainda acrescentar que nunca mandámos ameaçar o Sr. Augusto Moreira ou qualquer outra pessoa com 'escriptos' para lhe apanharmos 100\$000rs. A nossa consciência está tranquila porque não vivemos da traficância, mas sim do nosso trabalho, embora obscuro, mas digno e honrado». *O Binóculo*, n.º 82, 13 de junho de 1884.

²⁶¹ «À última hora. Ave Maria! – Ouvimos que o Ex.mo Sr. Doutor José Affonso Botelho d'Andrade da Câmara e Castro vae levar este jornal aos tribunaes [...] por causa d'uns desenhos que, segundo diz S. Ex.ª se entendem com S. Ex.ª! [Nós estamos a tremer]. Pois nós declaramos com toda a força dos nossos pulmões, publica e solemnemente, que jamais pensámos em gastar um lápis Faber com a sua pessoa. E se S. Ex.ª se acha ofendido com os nossos desenhos, os nossos desenhos é que se acham ofendidos em S. Ex.ª dizer que se parecem com S. Ex.ª». *O Binóculo*, n.º 82, 13 de junho de 1884.



Fig. 8
Auto-caricatura de João Cabral denunciando ameaças e, até, a feitura de um testamento. *O Binóculo*, nº 72, 16 de março de 1884.



Fig. 9
Primeira página de *Pist!*, 18 de Novembro de 1886.

Em 1886, veio a público, também em Ponta Delgada, o periódico caricaturista *Pist!*, com o subtítulo *Semanário Humorístico Ilustrado*, impresso na Tipografia Popular, à Rua da Canada. Terá sido uma nova iniciativa dos irmãos Cabral,²⁶² após o encerramento de *O Binóculo*. Todavia, não estamos certas de que Augusto Cabral tenha participado neste projecto, pois o irmão João é que é indicado como editor e diretor artístico, sendo que a maior parte das ilustrações — se não todas — têm a sua assinatura.

Logo no primeiro número, ilustrado com a auto-caricatura de João Cabral (Fig. 8), este lamentava nem se ter despedido dos leitores no último número de *O Binóculo*, atestando assim a «morte súbita» do jornal, que, embora por motivos distintos, era extensível à maioria da imprensa oitocentista. Carregado de «esperanças» e fiado na benevolência daqueles que lhe haviam, antes, dispensado alguma atenção, o novo jornal vinha oferecer espírito crítico e boa disposição.

Recorrendo a uma humorística interjeição de chamamento (*pist*), o novo semanário tinha como critérios editoriais, tomar:

²⁶² De acordo com José Andrade, Augusto Cabral também terá sido co-fundador deste jornal. Ob. cit., p. 223.

«nota na sua carteira de croquis, dos acontecimentos mais importantes, dos mil grotescos que por ai fervilham, e rirá sempre de boca escancarada, até mostrar o cavername. / *Pist* fará diligência por ter razão, fazendo esforços para de quando em quando ter graça,— sem ter a louca pretensão de passar por engraçado. Faremos a *silhouette* da sociedade micaelense a Faber ou a carvão; - a Faber para os nervosos e a carvão para aqueles que gostam dos grandes efeitos».²⁶³

Uma vez mais, pelo crivo do desenho, as questões políticas assumiam considerável relevo, destacando-se, agora, os actos eleitorais e os seus efeitos para o *Zé Povinho*.

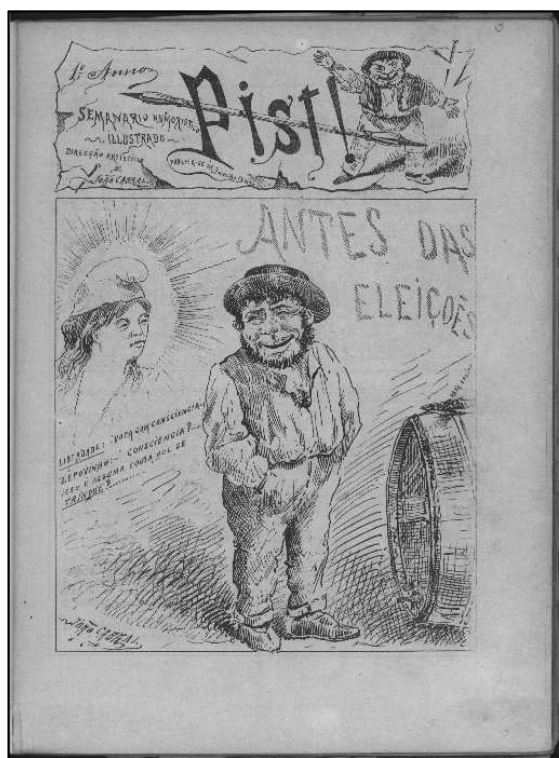


Fig. 10

Zé Povinho, junto a um enorme barril, escuta a voz da República, dizendo-lhe para votar em consciência. Pergunta-lhe o Zé: «Consciência? ... É alguma coisa que se trinque (que se coma)?». *Pist!*, 2 de Dezembro de 1886.

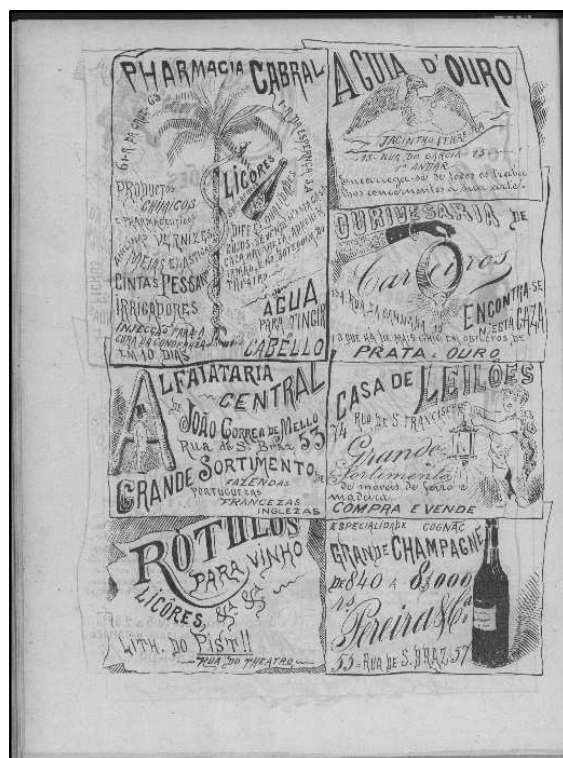


Fig. 11

Anúncios. *Pist!*, 26 de Janeiro de 1887.

Apesar do cultivo do riso, do desenho artístico e dos anúncios — que de forma pitoresca se concentravam numa só página, de preferência, colorida (Fig. 10) — , o *Pist!* não chegaria a completar um ano de vida, terminando o seu percurso a 26 de Outubro de 1887. A exiguidade do público leitor e a falta de assinantes terão sido motivos desta curta duração, aos quais se poderá acrescentar, eventualmente, a

²⁶³ Editorial, n.º 1, 18 de Novembro de 1886.

vontade pessoal de saída da ilha por parte de João Jacinto Cabral,²⁶⁴ o que, efetivamente, viria a ocorrer de imediato.²⁶⁵

De facto, em dezembro de 1887, João Jacinto Cabral deixa a ilha de São Miguel, no paquete Funchal, para se estabelecer na cidade de Lisboa, a fim de se dedicar à vida artística.²⁶⁶ Quase um ano depois, sua mulher, Ana Emília Cabral, e sua irmã, Maria Guilhermina Cabral, reuniram-se a ele²⁶⁷ e já no ano de 1890, João Cabral fez parte do projeto editorial *Lua Nova* (Lisboa/1890-91), onde seria responsável pelo desenho de cabeçalho e pelas mais variadas ilustrações. A sua colaboração durou de novembro de 1890 até fevereiro de 1891, data a partir da qual o cabeçalho muda e as ilustrações passam a estar a cargo de 'Floridor'. No *Lua Nova*, João Cabral assinou sempre todas as caricaturas e outras ilustrações, mesmo as mais ornamentais, sinal de procura de destaque e de afirmação no contexto de um mercado muito mais amplo e competitivo, recorrendo, tal como fizera no *Binóculo* e no *Pist!*, à inclusão da sua auto-caricatura no próprio conjunto do desenho.

Segundo António Dias de Deus, citado também por Osvaldo de Sousa,²⁶⁸ João Cabral foi aluno do artista plástico Silva Porto, criando alguma obra conceituada a óleo e a aguarela, como se atesta pelas referências feitas pela revista *Ilustração Portuguesa* aquando da sua morte, em 1916.²⁶⁹ Voltaria a Ponta Delgada, em 1912, para participar numa exposição de aguarelas, acompanhado da sua segunda mulher, a cantora lírica, África Cabral.²⁷⁰

Quanto a Augusto Cabral,²⁷¹ apesar de nunca ter saído da ilha de São Miguel, não deixou de produzir uma variedade de registos, desde a caricatura e ilustração, passando pela cartografia e desenho técnico, tendo pertencido aos quadros técnicos das Obras Públicas, da Junta Geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada, como desenhador. Enquanto caricaturista ainda tentou colocar de pé um novo projeto jornalístico, o *Etc e Tal*, mas não passou do segundo número, sem circulação. Participou, no entanto, nessa qualidade, em títulos como *O Óculo* (1905) ou a *Revista Michaelense* (1918-21). Entre muitas outras obras, elaborou ilustração publicitária (rótulos dos cigarros da Fábrica de Tabaco Michaelense), desenhou a capela de

²⁶⁴ Já em 1884, após o terminus do *Binóculo*, João Jacinto Cabral anuncia que se mudava para Lisboa, chegando a sair no navio *Benguela*, mas regressando novamente, à ilha, no mês seguinte. O seu filho Octávio, de 4 anos de idade, falecera em 1883. Provavelmente, a ideia de voltar para Lisboa reavivou-se com o regresso, a esta cidade, do irmão Jacinto Inácio, vindo da Bélgica.

²⁶⁵ «Pist! - Pela saída do seu proprietário e principal colaborador artístico, sr. João Jacintho Cabral, terminou a publicação d'aquelle humorístico jornal». *A Persuasão*, n.º1351, 07 de dezembro de 1887.

²⁶⁶ *A Persuasão*, n.º1350, 30 de novembro de 1887; *A Persuasão*, n.º1351, 07 de dezembro de 1887.

²⁶⁷ *A Persuasão*, n.º1394, 03 de outubro de 1888.

²⁶⁸ Osvaldo Macedo de Sousa, «História da Caricatura de Imprensa...», ob. cit.

²⁶⁹ «João Cabral, o talentoso paisagista açoreano, que tão brilhantes exposições fez dos seus trabalhos, entre elas uma no salão da Ilustração Portuguesa, faleceu em 14 d'este mez, quando tantas obras primas ainda havia a esperar do seu talento e da sua actividade. Poucos aguarelistas como ele terão produzido com mais sentimento e verdade lindos trechos do continente e das ilhas, que ele tanto amava». *A Ilustração Portuguesa*, Lisboa, n.º 531, II Série, de 24 de abril de 1916, p. 517.

²⁷⁰ *Diário dos Açores*, 10 de abril de 1912.

²⁷¹ Sobre a vida e obra deste caricaturista veja-se a já citada obra de Manuel Ferreira, *O caricaturista micaelense...*, ob. cit.

Nossa Senhora de Lourdes da Igreja de Santo António, em São Miguel, fez o levantamento da carta batimétrica do porto de Ponta Delgada, a carta topográfica de Ponta Delgada²⁷² e é o autor da famosa caricatura «Torre Autonomica»,²⁷³ exposta, originalmente, no contexto da *Exposição Artística, Industrial e Agrícola Distrital* de Ponta Delgada, em 1895, e, depois, reproduzida no *Album Açoriano*, em 1903. Augusto Cabral faleceria a 21 de Maio de 1924.

A retirada de cena dos irmãos Cabral, levou a que em 1891 surgisse, entre a imprensa micaelense, *O Berimbau*, pela mão do editor Pedro Couto da Silva. Sediada em Ponta Delgada, a nova folha que ostentava o nome de um instrumento musical, de corda, originário do continente africano, era impressa na Tipografia –Litografia dos Açores, na Rua de Santa Luzia.²⁷⁴ A assinatura mensal custava 125 réis e aceitavam pedidos «para fora da cidade». Porém, a sua duração foi por demais efémera, apresentando-se, em alguns números, escrito à mão, o que até nem era uma novidade, atendendo, por exemplo, a alguns números do jornal *O Binóculo* e, sobretudo, do *Pist!*. O meteórico percurso de *O Berimbau* cingiu-se ao mês de Janeiro de 1891.

Nas colunas da «Chronica», dadas ao prelo no primeiro número, foram lavrados os propósitos do novo e efémero jornal:

«nós vimos hoje, leitor amigo, ofertar-lhe sorrisos irónicos, gargalhadas alegres para desfastio desses momentâneos preocupamentos [...] Nós vimos fazer rir e só conosco e com os nossos leitores, numa Algeria recíproca e ingénua, que a todos sirvae ninguém ofenda».²⁷⁵

A preocupação de fazer humor, sem ofender alguém, afigurava-se transversal aos jornais caricaturistas. Todavia, a ingenuidade não seria apanágio desta publicação que, reconhecendo o quão difícil era a comédia e o humor e dizendo-se arredada da política, teve, como primeira intervenção, a crítica às novas leis que limitavam a liberdade da imprensa. Na década de 90, o desgaste do rotativismo monárquico e as investidas, cada vez mais fortes, dos republicanos, motivaram o agravamento dos meios repressivos e de censura, por parte dos ainda detentores do poder. Como afirma Alberto Pena Rodriguez, «as perseguições e suspensões de jornais sucederam-se a um ritmo cada vez mais acelerado com a promulgação do decreto de Março de 1890, que amordaçou a liberdade de imprensa existente durante o período constitucionalista».²⁷⁶

²⁷² Manuel Ferreira, ob. cit., p. 27.

²⁷³ «Dos objectos expostos, um dos que mais curiosidade attrahio foi a Torre Autonomica, inofensiva e esplendida caricatura, alegórica pelo sr. Augusto Cabral». *A Persuasão*, n.º 1741, 29 de maio de 1895.

²⁷⁴ A Typo-Lytophraphia dos Açores foi comprada por Pedro Couto da Silva em Dezembro de 1888, estando inicialmente situada na rua do Sampaio, n.º 29, passando em Abril de 1890 para a rua de Santa Luzia, n.ºs 37 e 39. Cf. Ana Cristina Moscatel Pereira, «Pai Paulino (O)», in *Enciclopédia Açoreana*, disponível em: <http://www.culturacores.azores.gov.pt>.

²⁷⁵ «Chronica», n.º 1, 1 de Janeiro de 1891.

²⁷⁶ Cf. Alberto Pena Rodriguez, «História do Jornalismo Português», in Alejandro Pizarroso Quintero, coord., ob. cit., p. 363.

Logo no primeiro número de *O Berimbau*, uma esbelta figura feminina, semi-nua, apresentava-se como a liberdade de imprensa, rezando, assim, alguns dos versos que a acompanhavam:

«Silêncio! Estou rolhada / Caluda! Não digo nada! / Façam muita trapalhada / Que eu não conto nem comento. / Muda agora me apresto / E surda também serei, / Porém tenho boa vista... / Não ouvindo, não falando, / Tudo irei observando, / Que olhar não proíbe a lei».²⁷⁷

Em modo de banda desenhada, a crítica social e política prosseguiu. Os croquis, ainda que de traço rudimentar e amador, continuavam a incidir sobre o Zé Povinho e as ainda visíveis e ressentidas consequências do *ultimatum* britânico a Portugal, ocorrido em Janeiro de 1890, a propósito de interesses e rivalidades coloniais no continente africano.



Fig. 12

«Como nos julgam os ingleses», *O Berimbau*, n.º 2, 8 de Janeiro de 1891.

O último número deste jornal atesta as dificuldades então sentidas, especialmente pela falta de qualidade dos croquis. Possivelmente, e uma vez mais, a escassez de assinantes, de anúncios e de colaboradores terão ditado o seu prematuro desaparecimento.

Talvez por isto, no final deste mesmo ano, veio a público *Zé Braz*, novo jornal humorístico e caricaturista, que, de entre os quatro periódicos, é aquele que apresenta menor número de ilustrações. Também estava sediado na Rua de Santa Luzia, em Ponta Delgada, sendo impresso na Tipografia Minerva. O proprietário e director era Alfredo da Câmara e o editor, Francisco de Medeiros Silva. Foi nestes termos que o novo semanário se apresentou ao público:

²⁷⁷ *O Berimbau*, n.º 1, 1 de Janeiro de 1891.

«Entra hoje em cena Zé Braz, cheio de vida, alegre e folgazão [...] Sustentado por um grupo de moços no alvor da vida, Zé Braz, só tem um único partido – o amor do trabalho e do bem como aspiração à maior soma de progressos realizáveis no seio da comunidade. Quer isto dizer que não pertence a partido algum porque só ama o bem e a verdade como fonte e base de todos os progressos realizados e a realizar na ordem sociológica. / Em uma sociedade que ameaça rolar-se ao mais fundo do abismo sem ter havido quem a detenha no plano inclinado por onde ela vai resvalando e se afunda [...] é justo que os novos vejam se alguma coisa podem afim de lhe suspender a queda, se ainda for possível, embora o Zé pouco passa d'este penedo, n'este cantinho de terra abençoada e que não pouco tem feito a favor da liberdade e de tudo que devia enobrecer e engrandecer este país que já foi PORTUGAL, e que muito bem podia e devia ser dos primeiros entre todos. Que desdita e que vergonha!!! [...] Rindo, pois, Zé Braz, dirá muitas coisas gordas, alegres, esquisitas, e mirabolantes, talvez, a quem as dever dizer, mas sempre com urbanidade e sem animo d'ofender».²⁷⁸

Uma nota interessante, que ressalta deste editorial, é a da juventude dos responsáveis pelo periódico, que se assumem como «moços no alvor da vida». Por isso, mostravam-se idealistas e sonhadores, amantes do progresso, do bem e da verdade. E perante uma pátria decadente, finissecular, vergada pela humilhação imposta pela coroa britânica, restava-lhes ajudar a travar a queda, a evitar o abismo e a consolidar o papel dos Açores que, enquanto terra abençoada, muito já havia concorrido para engrandecer Portugal (seguramente das lutas Filipinas às lutas liberais). Rindo e criticando, a função do *Zé Braz* era a de «dizer coisas gordas», sem ofender alguém. Não há dúvida, pois, de que muita da irreverência própria da imprensa satírica e caricaturista, resultava da idade dos jornalistas. João Cabral, por exemplo, tinha ainda 28 anos quando fundou *O Binóculo* e Augusto Cabral iria completar 26 anos, cerca de um mês depois.

Se nada se sabe, até o momento, sobre o fundador de *O Berimbau*,²⁷⁹ relativamente a Alfredo da Câmara,²⁸⁰ diretor de *Zé Braz*, pode-se afirmar que a sua dedicação ao jornalismo não ficou por aqui. A 6 de Fevereiro de 1897, e numa linha editorial totalmente diferente, tornou-se redactor do bissemanário *A Ilha*, órgão do Partido Regenerador e defensor dos interesses açorianos,²⁸¹ que permaneceria em circulação até Outubro de 1900.

²⁷⁸ Editorial, n.º 1, 29 de Novembro de 1891.

²⁷⁹ No tocante aos Açores, ainda há muito por fazer no que concerne à História da Imprensa e, especialmente, ao estudo dos jornalistas, das suas vidas e legados.

²⁸⁰ Sobre a figura de Alfredo Raposo da Câmara, veja-se Ana Cristina Moscatel Pereira, «Alfredo Raposo da Câmara», in *Enciclopédia Açoreana*, acessível em: <http://www.culturacores.azores.gov.pt>.

²⁸¹ Editorial, n.º 1, 6 de Fevereiro de 1897. Alfredo da Câmara foi ainda fundador do Clube Naval de Ponta Delgada e grande impulsionador da Associação de Bombeiros Voluntários da mesma cidade, o que atesta a sua cidadania prestante e activa. Cf. José Andrade, ob. cit., p. 316; Conceição Tavares, *Bombeiros Voluntários de Ponta Delgada. Origens oitocentistas de uma instituição humanitária*, Ponta Delgada, AHBVPD / Universidade dos Açores, 1999, pp. 36 e ss. e Ana Cristina Moscatel Pereira, *Bombeiros Voluntários de Ponta Delgada. 125 anos ao serviço da comunidade*, Ponta Delgada, AHBVPD, 2004.

Apesar dos objectivos bem definidos, também o periódico *Zé Braz*, mais rico em crónicas, versos e anedotas, teria uma vida muito curta, balizando-se entre 29 de Novembro de 1891 e 23 de Janeiro de 1892.

De facto, não obstante o relativo sucesso que alguns destes jornais alcançaram, em particular *O Binóculo* e o *Pist!* – cuja qualidade e duração foram mais significativas — a sua vida não era fácil. Os jornais, em geral, não conseguiam alcançar grandes tiragens e, pela sua especificidade, os caricaturistas ainda menos. Se na segunda metade do século XIX, a população portuguesa rondava as 4.700.000 pessoas, os habitantes arquipélago dos Açores não ultrapassavam os 200.000, cabendo à ilha de S. Miguel um montante de 118.511 almas, em 1890.²⁸² Além da exiguidade demográfica, era muito elevada a percentagem de analfabetos, sendo, por isso, limitado o número de pessoas letradas e interessadas na vida política e social. Como refere Osvaldo Macedo de Sousa, a publicidade ainda não era um recurso plenamente utilizado, limitando, assim, as receitas dos jornais e a todas estas vicissitudes que pendiam sobre a imprensa, acrescia à caricaturista, o facto de que nem todos tinham arcaboço humorístico para se rirem, da mesma forma, das suas ideias e das dos outros.²⁸³

A presença do humor, da caricatura e do desenho nos jornais dos irmãos Cabral

A análise da caricatura na imprensa micaelense de finais do século XIX não ficaria completa sem uma breve abordagem aos conceitos de humor e de caricatura. Se ao ‘humor’ associamos, de imediato, o riso, a gargalhada e alguma sensação de liberdade, na realidade, este não é um conceito de fácil definição, podendo ser confundido com ‘ironia’ e ‘sátira’.²⁸⁴ Por outro lado, quando procuramos definir o que é a caricatura somos levados para o âmbito da prática do desenho e do conceito artístico.

A palavra ‘caricatura’ advém da palavra italiana «*caricare*», que significa ‘exageração’, e nasce, como conceito e como termo, a partir dos exercícios de exageração (‘*caricare*’) que os irmãos Carracci, Annibale e Agostino, desenvolveram na sua Academia de Desenho bolonhesa, em finais do século XVI.²⁸⁵ Apesar de existir em outras áreas, seria na sua associação à imprensa, de pendor satírico e

²⁸² Maria Isabel João, *Os Açores no Século XIX. Economia, Sociedade e Movimentos Autonomistas*, Lisboa, Cosmos, 1991, pp. 37-38.

²⁸³ Osvaldo Macedo de Sousa, «História da Caricatura de Imprensa...», ob. cit.

²⁸⁴ Tanto a sátira, como a ironia, como o humor estão relacionados com o riso, definido como um reflexo intelectual apanágio apenas do Homem. Se uns provocam um «rir-se com», outros provocam o «rir-se de», sendo certo que o riso é provocado por contraste (e aqui se inclui a deformação tão usada no humor gráfico), por exageração (também usada pelo humor gráfico) e por repetição. Cf. Ana Filipa Pereira Miguel Olímpio, ob. cit., pp. 102-104.

²⁸⁵ Osvaldo Macedo de Sousa, «Do humor da caricatura», ob. cit., p. 52.

humorístico, que melhor se desenvolveria, em técnica e projeção,²⁸⁶ sendo certo que a caricatura pode ou não ser satírica e a sátira pode ou não recorrer à caricatura.

Como já referenciamos anteriormente, em Portugal, e antes de passar pelo desenho, o caricato e grotesco desenvolveram-se primeiro no contexto da produção literária (poesia trovadoresca, cantigas de escárnio e maldizer, farsas) e só depois passariam ao contexto de produção gráfica, através do desenho.²⁸⁷ No âmbito do humor gráfico, tivemos um processo evolutivo do grotesto e exploração do feio à sátira inteligentemente construída e desenhada, recorrendo para isso à caricatura.²⁸⁸ O humor,²⁸⁹ construção e não reflexo, teria, assim, evoluído no sentido de uma forma de comunicação que requeria inteligência. A interligação entre humor e caricatura passará pela genialidade que se requer para saber aliar uma à outra, culminando numa sublime forma de comunicação.

É, pois, nesse contexto de comunicação inteligente, pensada e construída em conjugação com o desenho, que se insere a obra de Rafael Maria Bordalo Pinheiro e

²⁸⁶ A respeito da evolução do conceito de caricatura, escreveu Osvaldo Macedo de Sousa: «No início, a caricatura era simplesmente um confronto com a realidade, como que uma busca do feio, era seguir as sombras das figuras ora alongando, ora alargando, ora espartilhando, vincando nas linhas humanas o próprio riso. Depois as normas de beleza foram-se alterando, perdendo esta a sua prioridade no ideal, ao mesmo tempo que a caricatura ia perdendo monopólio do ‘não bonito’. A caricatura deixou de ser uma simples exageração da realidade, deixou de ser o ‘retrato do feio’, para ser antes de tudo um ‘estado de espírito’. A caricatura transformou-se numa ‘posição mental’ tomada tanto pelo criador como pelo receptor. Ela já não deve ser algo que se ‘vê’, mas algo que se tem que descobrir. Deve ser feita da inteligência para a inteligência, assim como todo o humor». Osvaldo de Sousa, «Do humor da caricatura», ob. cit., p. 30.

²⁸⁷ Osvaldo Macedo de Sousa, *História da Arte da Caricatura...*, ob. cit., p. 14.

²⁸⁸ «O humor gráfico em Portugal passou por várias formas de fazer humor, primeiro pelo grotesco, depois pela farsa até chegar à sátira. Nesta época o humor não consistia um pensamento crítico construtivo e inteligente, mas sim numa resposta agressiva e furiosa [...] Não era importante nem relevante o humor nem a estética do trabalho, existindo uma brutalidade e agressividade visual, onde o principal propósito era a agressão e a provocação, unindo o público contra a autoridade do regime [...] O público português, nesta altura, facilmente se contentava com personagens feitos de forma abominável e incompetente, em conjunto com textos rudes e imbecis [...] Na segunda metade do século XIX [...] [o]s jornais humorísticos pretendiam atacar agressivamente o Rei, os políticos e o governo, utilizando para isso caricaturas de cariz satírico, que ridicularizavam através do exagero das formas e do traço, de modo a atacar as personagens por vezes subtilmente, por vezes de forma concreta e direta, acrescentando ao desenho uma legenda elucidativa». Ana Filipa Pereira Miguel Olímpio, ob. cit., pp. 7-8.

²⁸⁹ «A palavra humor é pouco específica, o que leva os académicos a investigar as diversas definições utilizadas, na procura do seu significado que ronda os limites com o cómico, o grotesco, a ironia, a sátira e o riso, afastando-se deles, mas ao mesmo tempo aproximando-se destes horizontes [...] O humor apresenta-se de maneira inconstante, repentina e revoltosa com todas as regras impostas, ele é o resultado de uma aprendizagem fácil e fluente, está mais relacionado com o temperamento do que com o carácter e tem-se alterado conforme a época e a sociedade. O humor acompanhou a evolução da humanidade, por isso é considerado a imagem da alma humana». Ana Filipa Pereira Miguel Olímpio, ob. cit., p. 91. «O humor não consiste na criação de um mundo totalmente original, mas numa nova maneira de ver, uma apresentação diferente daquela que as pessoas olham, mas não veem por simples alheamento do que é quotidiano e monótono, ou por fuga inconsciente. O humor obriga a despertar, a sentir o que se passa à volta – como dizia Freud, o ‘humor não se resigna, desafia’». Osvaldo de Sousa, «Do humor da caricatura», ob. cit., p. 25.

de Sebastião de Sousa Sanhudo, as duas grandes referências estéticas e gráficas das obras aqui analisadas, a saber: *O Binóculo*, *O Pist!* e o *Berimbau*.

As influências manifestadas por *O Binóculo*, tal como se verá no *Pist!*, estão claramente em Rafael Bordalo Pinheiro e em Sebastião Sanhudo,²⁹⁰ reverência essa que ficou plasmada nas páginas destes projetos com a inclusão daqueles dois caricaturistas na própria composição do desenho.

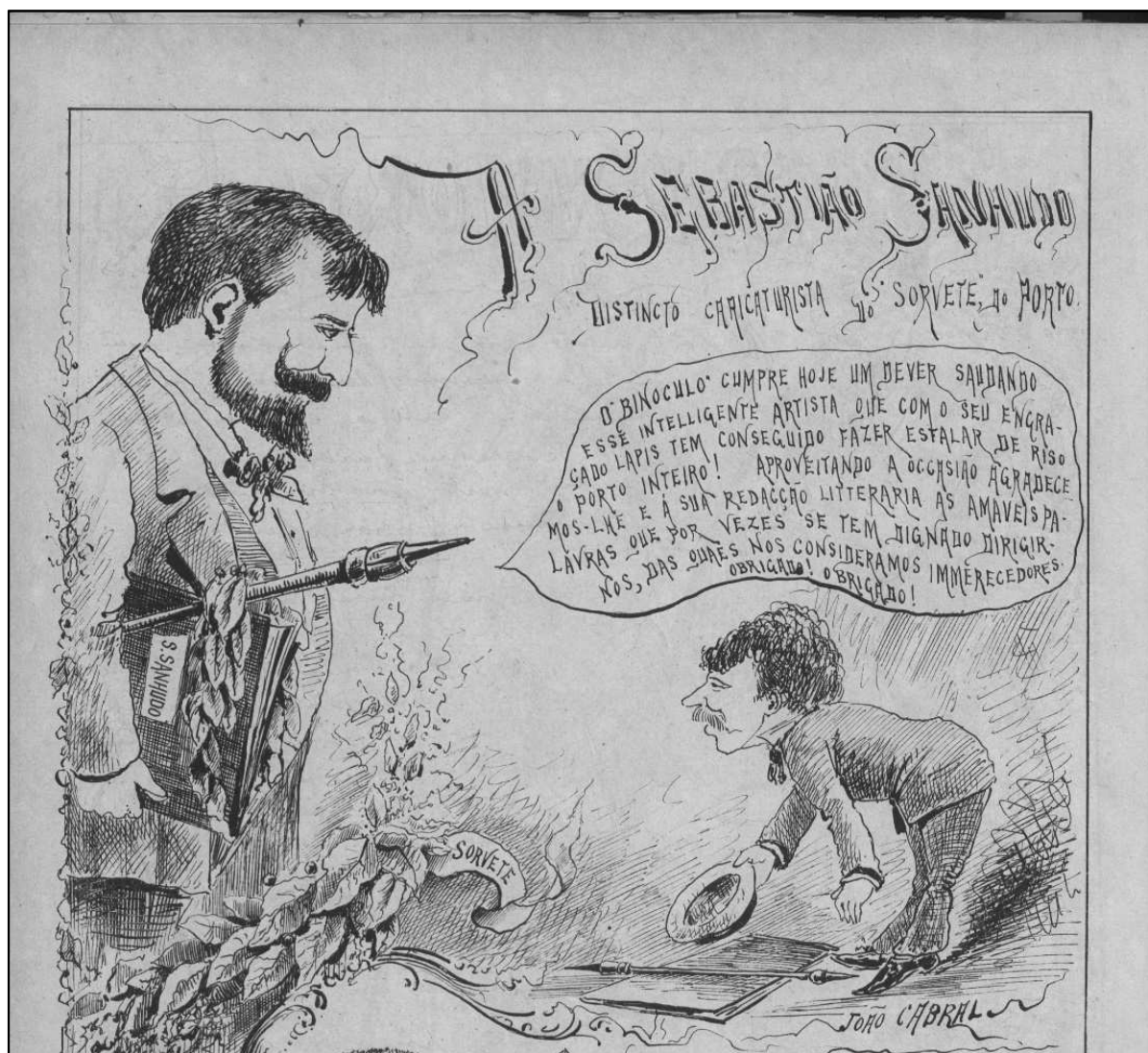


Fig. 13

Auto-caricatura dos irmãos Cabral em reverência a Sebastião Sanhudo. *O Binóculo*, n.º 71, 09 de março de 1882.

Essa influência transparece não só no desenho, formas e técnicas, ou nas temáticas e abordagens humorísticas, mas igualmente na tipologia do próprio projeto editorial. É

²⁹⁰ Que por sua vez já teriam bebido influências de Manuel de Macedo e de Nogueira da Silva, por exemplo.

o exemplo da ‘Galeria de Homens Ilustres’,²⁹¹ publicada em apenso ao *Binóculo* dos irmãos Cabral, inspirada no mesmo tipo de projeto de Bordalo Pinheiro²⁹² e de Sanhudo,²⁹³ ou a ocupação da primeira página do jornal com recurso ao retrato, como fazia Sebastião Sanhudo no jornal nortenho *O Sorvete*.²⁹⁴

Enquanto que graficamente *O Binóculo* teve como modelo o *Sorvete*, o *Pist!!* foi beber a sua inspiração ao *António Maria*.²⁹⁵ de Rafael Bordalo Pinheiro, começando logo pela delimitação gráfica da folha do jornal em caixa fechada. A este foi, igualmente, buscar inspiração para o título do novo jornal, uma vez que Bordalo Pinheiro fundara, em Setembro 1877, no Rio de Janeiro, um periódico intitulado *Pist!*.²⁹⁶ Novamente, e tal como o tinha feito em *O Binóculo*, no cabeçalho destaca-se a figura do *Zé Povinho* (ou *Zé Pagante*), numa clara referência à figura tipo criada por Bordalo Pinheiro, a que já aludimos. Não obstante, no desenho de caricatura manteve a influência de ambos os mestres, tal como acontecera n’*O Binóculo*.

Os dois projetos dos irmãos Cabral retrataram, através da crítica visual humorística da caricatura, aliada ao texto simples, curto e satírico, temas da atualidade local coeva, como contribuíram para o aparecimento das primeiras formas elaboradas de publicidade com base no desenho, também por vezes humorístico, indo muito além da impressão de tipos simples que encimavam anúncios ou cartelas que os emolduravam. Essa ligação entre a imprensa humorística de caricatura e a evolução da tipografia, da gravura e do desenho é clara, como salientou Osvaldo Macedo,²⁹⁷ levando a que uma impulsionasse a outra.²⁹⁸ Não será à toa que tanto Sebastião Sanhudo, como os irmãos Cabral, associaram aos seus projetos de imprensa à montagem de uma litografia.

²⁹¹ «A empresa do ‘Binóculo’ vae iniciar a publicação d’uma “Galeria de Homens Ilustres”, reproduzindo retratos dos açorianos distintos, assim como de escriptores e artistas, tanto nacionaes como estrangeiros. Cada número conterà um retrato em cartão e esboço biográfico». *A Persuasão*, 21 de fevereiro de 1883. A ‘Galeria’ de *O Binóculo* publicaria apenas o retrato de Rafael Bordalo Pinheiro e de José Augusto da Costa Rezende, ambos da autoria de João Cabral.

²⁹² Embora não com recurso ao retrato, mas sim à caricatura, é o exemplo do «Álbum das Glórias», editado entre 1880 e 1883, na sua primeira série, dedicado à caricatura de políticos, reis, escritores, atores e instituições constitucionais do final do século XIX português. No total de 39 caricaturas, o «Álbum das Glórias» era composto por desenhos de Rafael Bordalo Pinheiro e textos de Guilherme de Azevedo (*João Rialto*) e de Ramalho Ortigão (*João Ribaixo*).

²⁹³ Publicou a «Galeria do Sorvete: Álbum de caricaturas dos Homens mais celebres do porto e arredores» (1878/79) e, entre outros, o «Almanack do "Sorvete"» (1883).

²⁹⁴ *Sorvete. Semanário portuense de caricaturas*, editado entre junho de 1878 e dezembro de 1900, era propriedade de e ilustrado por Sebastião de Sousa Sanhudo.

²⁹⁵ Jornal iniciado por Rafael Bordalo Pinheiro em 1879, depois de regressar do Brasil. De humor político, é considerada a principal obra de caricatura de imprensa portuguesa. Teve duas séries: a primeira, entre Junho de 1879 e Janeiro de 1885 e a segunda, entre Março de 1891 e Julho de 1898.

²⁹⁶ Publicaram-se apenas 9 números deste título.

²⁹⁷ «A par deste incremento do aspecto humorístico e satírico, verificou-se um grande passo evolutivo no campo estético, já que o desenho requerido, incisivo e rápido, pronto a fixar de forma crítica o instante, obrigando o artista a um grau de liberdade gráfica, e de invenção nunca alcançada até ao momento. Como reação verificou-se o refinamento estético, e uma consequente evolução técnica». Osvaldo de Sousa, «Do Humor da Caricatura», ob. cit, pp. 52, 56.

²⁹⁸ A mesma ligação ocorre no contexto brasileiro, como constata Fabiana Machado Didoné. Cf. Fabiana Machado Didoné, «Caricatura e Sátira na Desterro do Século XIX: O periódico Crítico Matraca», in

Importa, igualmente, referir que, tal como Bordalo e Sanhudo, os Cabral recorriam ao zoomorfismo para retratar alguns indivíduos ou conceitos. Este tipo de caricatura, exercida por metamorfose,²⁹⁹ aplicava-se por comparação, seja de elementos físicos, seja de elementos morais. Assim se enquadram as caricaturas com cabeças de burro ou de porco, por exemplo, ou com pernas de ave. A referência à influência técnica ficou, aliás, expressa nas próprias páginas de *O Pist!* quando publicam um exercício de desenho que transformava uma orelha num porco.³⁰⁰

Para além da caricatura por metamorfose, os irmãos Cabral recorreram, nas páginas d'*O Binóculo* e do *Pist!*, à exageração deformativa através da caricatura por ampliação (das pernas, dos braços, do nariz, das orelhas) ou por simplificação, bem como à caricatura exercida diretamente a partir do indivíduo (como é o caso da macrocefalia que era usada não só para gozo, mas também para uma melhor identificação do caricaturado) ou por alegoria.³⁰¹ O exemplo máximo do recurso à alegoria em Bordalo Pinheiro expressou-se, já em janeiro de 1900, no jornal *A Paródia*, com o aparecimento de quatro figuras alegóricas: *A Grande Porca* (representando a Política); *O Grande Cão* (representando a Finança); *A Galinha Choca* representando a Economia de Rastos) e *O Grande Papagaio* (representando a Retórica Parlamentar).³⁰²

Ao longo das páginas d'*O Binóculo* e do *Pist!* aparece, igualmente, a figura do 'Zé Pagante', muitas vezes explicitamente designado de 'Zé Povinho', — a que já nos re-

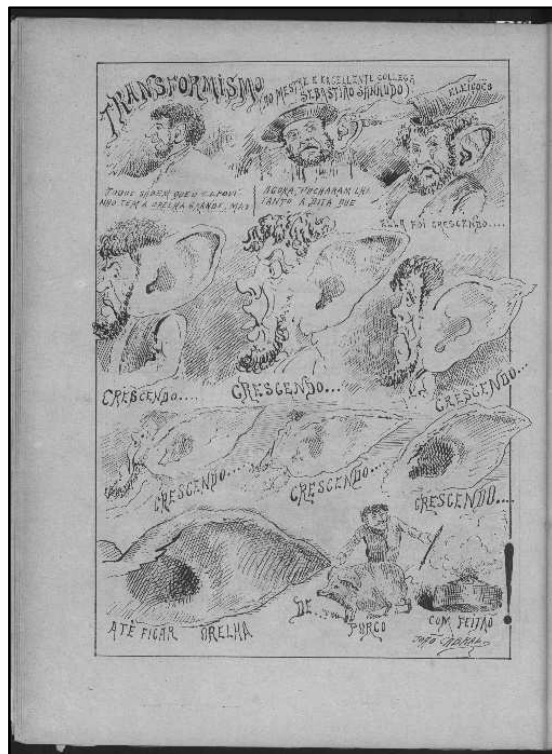


Fig. 14.
Estudo de zoomorfismo, com referência a Sebastião Sanhudo. *O Pist!*, n.º 6, de 23 de dezembro de 1886.

Atas do VIII EHA - Encontro de História da Arte, 2012, p. 152, disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br>.

²⁹⁹ Osvaldo de Sousa, «Do Humor da Caricatura», ob. cit, p. 32.

³⁰⁰ Esta técnica de desenho sofreu grande influência das teorias da fisiognómica, «arte de avaliar o temperamento de um homem pelo seu aspecto físico, comparando o homem ao animal», cujo objetivo era «descobrir o carácter ou personalidade do homem a partir do estudo do seu aspecto exterior, analisando o seu rosto de forma específica». Esta teoria provém da antiguidade clássica (Artistóteles defendia a possibilidade de conhecimento da alma e carácter humano através dos aspectos físicos do homem), desenvolvendo-se, depois, no Renascimento (Leonardo Da Vinci faz diversos estudos de desenho nessa lógica comparativa) e na idade moderna (Giovanni Battista Della Porta, 1586, e Charles Le Brun e Jean Gaspar Lavater, século XVIII), até chegar ao desenvolvimento de análises psicológicas e de expressões artísticas como o expressionismo ou surrealismo. Cf. Ana Filipa Pereira Miguel Olímpio, ob. cit., pp. 108-112.

³⁰¹ Osvaldo de Sousa, «Do Humor da Caricatura», ob. cit, pp. 31-32.

³⁰² Ana Filipa Pereira Miguel Olímpio, ob. cit., p. 18.

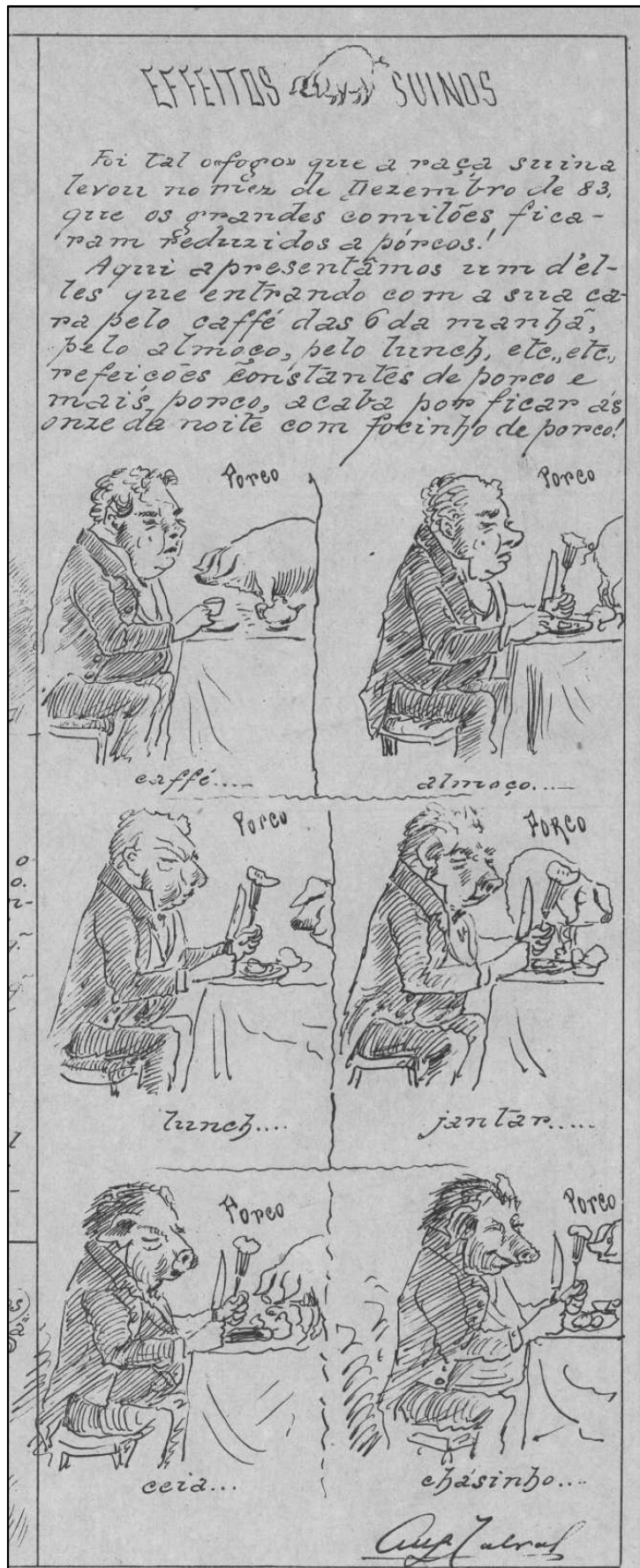


Fig. 15.

«Efeitos Suínos». Estudo de zoolomismo, onde é explícito graficamente o conceito da fisiognómica. O *Binóculo*, n.º 62, de 08 de janeiro de 1884.

ferimos — que apresenta uma semelhança estética e funcional extremamente colada à figura do *Zé Povinho*, criada por Rafael Bordalo Pinheiro, cuja primeira aparição ocorre nas páginas d'*A Lanterna Mágica*,³⁰³ em 1875.

Podemos, ainda, aludir à questão do desenho à vista ou por cópia no âmbito da produção da caricatura nos dois jornais dos irmãos Cabral. Não amiúde, constata-se a referência, no desenho, ao facto do mesmo ter sido feito a partir do natural ou de ser uma cópia. Essas referências não surgem inocentemente, pese embora não contribuam para o nível de humor ou sátira do conjunto. No entanto, perfazem o currículo artístico dos caricaturistas, dizendo da sua capacidade de desenho (à vista ou através de cópia) e da sua 'genialidade' artística. Esta referência explícita era uma forma de publicitar o seu trabalho e a sua competência técnica, tanto mais que ambos desenvolviam atividade artística para além da participação nestes projetos editoriais. O mesmo se dirá da inclusão do retrato, sobretudo na primeira página, como aliás também faziam Sebastião Sanhudo e Rafael Bordalo Pinheiro.³⁰⁴ O retrato, que podia ser feito a partir do natural ou por cópia, era, igualmente, um potencial publicitário das capacidades artísticas dos dois caricaturistas, para além de nos ter legado a memória visual de uma série de personagens micaelenses coevas de quem, de outra forma, desconheríamos o rosto.



Fig. 16

Caricatura com a alegoria da própria caricatura ('a menina caricatura') a beijar António Augusto Kopke. *O Binóculo*, n.º 75, de 08 de abril de 1884.

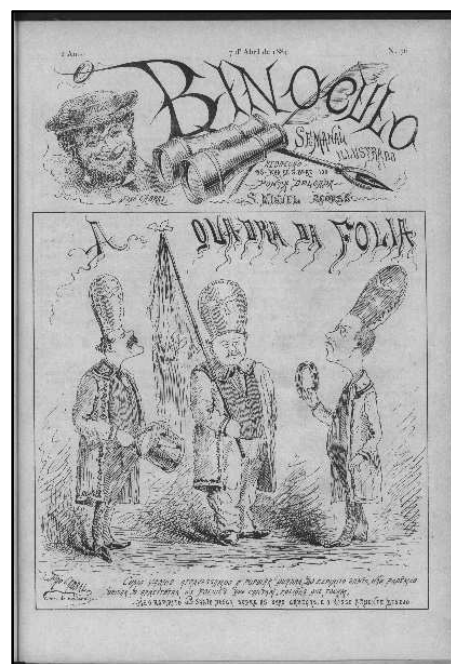


Fig. 17

Foliões do Espírito Santo, com indicação do desenho ter sido feito a partir do natural. *O Binóculo*, n.º 76, 17 de abril de 1884.

³⁰³ Este título corresponde, ainda antes de Bordalo Pinheiro o ter usado em Portugal, a um periódico brasileiro que circulou entre 1844 e 1845 e que iniciou as publicações ilustradas com caricaturas impressas no Brasil. Cf. Fabiana Machado Didoné, «Caricatura e Sátira...», ob. cit., p. 152.

³⁰⁴ É recorrentemente usado quando se tratam de elogios fúnebres e homenagens.

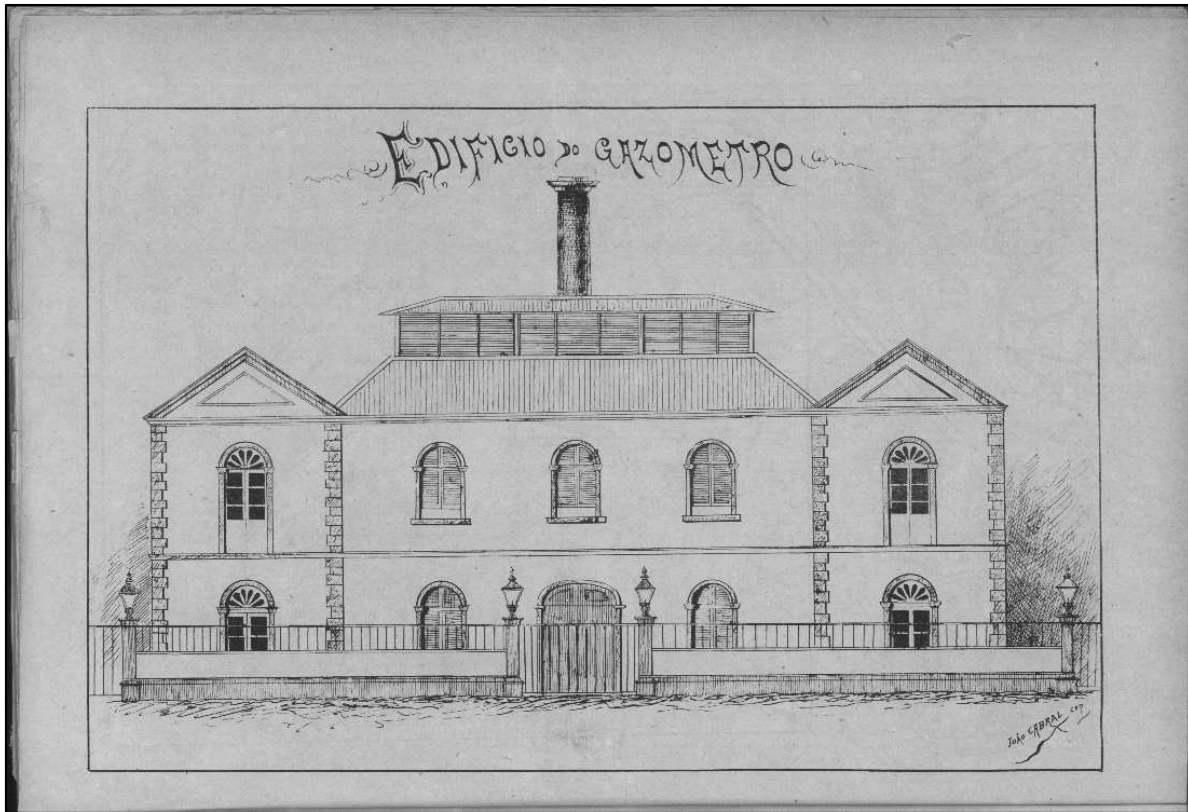


Fig. 18

Edifício do Gasómetro, com indicação de ter sido copiado. *O Binóculo*, nº 55, 07 de novembro de 1883.

Já no que concerne à análise da caricatura inserta no *Berimbau* encontramos uma maioria de desenhos não assinados,³⁰⁵ mas com bastante semelhança aos desenvolvidos pelos irmãos Cabral nos dois títulos acima referidos. Inclusive na presença do personagem (auto-caricatura) que acompanha os quadros ao longo das páginas e que, à vista atenta, se assemelha com as auto-caricaturas dos dois irmãos. O próprio cabeçalho do jornal, usando os pincéis cruzados, embora não seja inédito, faz lembrar projetos anteriores dos Cabral, nomeadamente o cabeçalho do *Pist!!*. Não se confirmando, para estas caricaturas, a autoria dos irmãos Cabral, estamos perante a sua clara influência, repercutindo-se, assim, também, a influência de Bordalo Pinheiro e de Sanhudo, nas ilhas dos Açores, particularmente em S. Miguel, até finais do século XIX, acompanhando o fenómeno que, entretanto, ocorria no território continental português.³⁰⁶

³⁰⁵ Excetua-se um retrato e uma tira humorística, assinados por 'J. Cordeiro'.

³⁰⁶ Cf. Ana Filipa Pereira Miguel Olímpio, ob. cit.

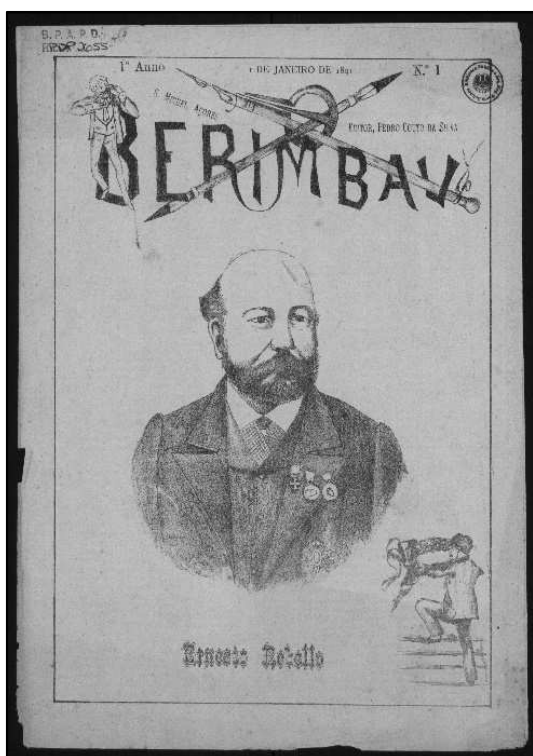


Fig. 19

Capa do primeiro número de *O Berimbau*, com uma figura, no canto inferior direito, que relembra a auto-caricatura de João Cabral nos projetos anteriores. *O Berimbau*, n.º1, de 1 de janeiro de 1891.



Fig. 20

'Chronica': rúbrica encimada por um desenho. *O Berimbau*, n.º 3, de 24 de janeiro de 1891.

Em termos gráficos, *O Berimbau* recorreu, ainda, a pequenos desenhos que encimavam algumas rúbricas do jornal (rúbrica a 'Chronica', por exemplo) e inseriu enigmas com base em desenhos, tal como acontecera nos outros dois jornais. Constata-se, igualmente, a presença de desenhos feitos a partir do natural (e assim assinalados), desenhos feitos a partir de cópia (também assim assinalados), bem como o recurso ao zoomorfismo (algo também muito presente na obra de João e Augusto Cabral, sob clara influência do trabalho de Sanhudo e Bordalo), bem como a presença de um 'Zé', figura claramente inspirada no *Zé Povinho* de Bordalo Pinheiro. De assinalar ainda a presença do retrato (a atriz D. Catarina Fantoni, Ernesto Rebelo e o ministro Bocage) e a presença de um texto, em coluna, com pequenos desenhos intercalados, fazendo anunciar as tiras humorísticas que, posteriormente, dariam origem à Banda Desenhada.

Notas Finais

A importância que a imprensa caricaturista atingiu no território português, na segunda metade do século XIX, e a relevância que alcançaram alguns caricaturistas nacionais, como Sanhudo e Bordalo Pinheiro, acabaram por ecoar e exercer influência nas ilhas dos Açores (em particular, em S. Miguel) que, apesar da sua periferia atlântica, acompanhavam a realidade nacional e europeia. Os irmãos João Jacinto e Augusto Cabral assumiram um papel preponderante nesta área, graças ao seu talento, iniciativa e espírito crítico, levando a que possamos afirmar que *O Binóculo* e o *Pist!* desempenharem um papel marcante, pelo impacto das suas ilustrações, pelo alcance das suas sátiras e pela forma como inspiraram as publicações de *O Berimbau* e, eventualmente, do *Zé Brás*.

Além do humor e do riso que podia e devia provocar, a imprensa caricaturística constituiu um verdadeiro observatório social e político, testemunhando inúmeros acontecimentos micalenses, de finais de oitocentos: implementação da luz a gás, o passeio público, o mercado peixe, obras públicas, touradas, crimes locais, nacionais e internacionais), atividade teatral e comemorações cívicas, questões políticas (regionais, nacionais), instrução primária ou o fenómeno da emigração.